

POR UMA GEOGRAFIA DO CUIDADO

Marcia Alves Soares da Silva

Doutora em Geografia (UFPR)

Docente do Departamento de Geografia (UFMT)

marciaalvesgeo@gmail.com

RESUMO

O artigo discute o cuidado a partir de uma perspectiva geográfica, reconhecendo-o como prática essencial para compreender as dinâmicas socioespaciais e as desigualdades que estruturam o cotidiano urbano. Partindo da constatação de que a Geografia brasileira ainda carece de estudos aprofundados sobre o tema, propõe-se uma reflexão teórico-conceitual que articula cuidado e experiências espaciais, entendendo as pessoas como infraestruturas sociais e afetivas. O referencial destaca o cuidado como prática política e ética atravessada por relações de gênero, classe, raça e sexualidade. A partir do contexto de Cuiabá-MT, argumenta-se que as geografias do cuidado revelam territórios de solidariedade, resistência e interdependência, que desafiam os modelos tradicionais de planejamento urbano e propõem formas mais inclusivas de produção do espaço. Conclui-se que incorporar o cuidado como bem comum nas políticas urbanas pode fortalecer redes de apoio e promover cidades mais justas e habitáveis.

Palavras-chave: Geografias do cuidado, Espaço urbano, Infraestruturas sociais, Cuidado e política, Cuiabá.

ABSTRACT

The article discusses care from a geographical perspective, recognizing it as an essential practice for understanding socio-spatial dynamics and the inequalities that shape urban life. Acknowledging that Brazilian Geography still lacks in-depth studies on this topic, it proposes a theoretical and conceptual reflection that articulates care and spatial experiences, understanding people as social and affective infrastructures. The framework emphasizes care as a political and ethical practice intersected by gender, class, race, and sexuality. Based on the context of Cuiabá, Brazil, the study argues that geographies of care reveal territories of solidarity, resistance, and interdependence that challenge traditional urban planning models and propose more inclusive forms of spatial production. It concludes that incorporating care

as a common good into urban policies can strengthen support networks and promote fairer, more livable cities.

Keywords: Geographies of care, Urban space, Social infrastructures, Care and politics, Cuiabá.

INTRODUÇÃO

O cuidado é prática espacial e coletiva. É prática de afeto e do comum. “É preciso uma aldeia para criar uma criança”. As experiências espaciais são sustentadas por práticas de cuidado em múltiplas escalas, redes e corpos de atuação. O cuidado tem sido pautado como uma dinâmica fundamental para a compreensão dos desafios e complexidades dos contextos espaciais, em especial, quando analisamos dinâmicas de desigualdades socioespaciais.

As experiências espaciais são sustentadas por práticas de cuidado em múltiplas escalas, redes e corpos de atuação. O cuidado tem sido pautado como uma dinâmica fundamental para a compreensão dos desafios e complexidades dos contextos espaciais, em especial, quando analisamos dinâmicas de desigualdades socioespaciais.

No contexto da Geografia brasileira, a discussão sobre as geografias do cuidado ainda é incipiente, visto a pouca produção sobre o tema. Em geral, algumas abordagens oferecem uma reflexão pelo viés da Geografia da Saúde, reduzindo a experiência do cuidado ao contexto médico. Do ponto de vista das Ciências Sociais, a experiência de cuidado tem sido abordada de forma mais aprofundada, quando insere o tema no âmbito social, ao problematizar as questões de gênero, o cuidado doméstico e os corpos, além de pautar as políticas e economias do cuidado (Fraser, 2016; Federici, 2019).

A proposta da reflexão é apresentar a discussão da Geografia do Cuidado, articulando cuidado e as experiências espaciais, com foco na reflexão das pessoas como infraestruturas sociais. Nesse sentido, a contribuição se dá do ponto de vista teórico e conceitual, pensando o tema a partir do contexto de Cuiabá - MT. Espera-se que as provocações possam contribuir para esse debate incipiente e por uma Geografia do Cuidado.

METODOLOGIA

A metodologia do trabalho é de natureza teórico-conceitual e exploratória, com ênfase em uma abordagem qualitativa. Parte-se da análise crítica de produções acadêmicas nacionais

e internacionais que tratam do cuidado como categoria analítica, em diálogo interdisciplinar. O objetivo é identificar como o cuidado tem sido discutido e de que maneira pode ser incorporado às reflexões geográficas sobre o espaço urbano e as relações socioespaciais.

A pesquisa adota como estratégia metodológica a revisão bibliográfica e interpretativa, voltada à sistematização de conceitos e perspectivas que permitam pensar o cuidado enquanto infraestrutura social e afetiva. Essa revisão é articulada à análise contextual da cidade de Cuiabá (MT), tomada como referência empírica e simbólica para compreender práticas cotidianas e redes de cuidado que emergem nos territórios urbanos.

Para tanto, a análise sobre o tema parte da ideia da escuta, que não se resume ao sentido sensorial da audição, mas parte de uma compreensão atenta e com cuidado sobre as experiências urbanas. Pensar a escuta como forma de cuidado na, da e com a cidade implica reconhecê-la como uma prática espacial e afetiva, que envolve fazer, saber e sentir. Escutar é um gesto de atenção e presença, uma forma de se abrir às vozes, ritmos e silêncios que compõem o tecido urbano. Trata-se de uma prática do comum, pois o cuidado nunca é isolado — ele é sempre com o outro, com o espaço e com as múltiplas formas de vida que habitam a cidade.

Ao compreender o cuidado como prática cotidiana, percebe-se que a escuta também se realiza em pequenos atos, muitas vezes invisíveis, mas que sustentam relações de convivência, solidariedade e pertencimento. Escutar é, portanto, reconhecer a cidade como corpo vivo, atravessado por afetos, conflitos e saberes situados. É permitir que as experiências urbanas sejam lidas não apenas pelos grandes projetos de planejamento, mas pelas histórias, práticas e sensibilidades que emergem nos territórios.

Desse modo, a escuta como cuidado mobiliza uma ética da atenção e da reciprocidade: ouvir o outro e o espaço é um modo de produzir vínculos, reconhecer desigualdades e criar possibilidades de coexistência mais justas e sensíveis. Escutar a cidade é cuidar dela — é permitir que nela caibam múltiplas vozes, tempos e modos de habitar, afirmando o comum como horizonte político e afetivo das geografias urbanas.

Assim, o estudo não busca mensurar ou mapear empiricamente o cuidado, mas refletir sobre sua dimensão espacial, ética e política, propondo conexões entre corpo, afeto, território e cidade. A metodologia, portanto, sustenta-se na construção argumentativa e interpretativa, em que o trabalho conceitual é o principal instrumento para o avanço de uma Geografia do Cuidado ainda incipiente no contexto brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cuidado é prática espacial e coletiva. É prática de afeto e do comum. “É preciso uma aldeia para criar uma criança”. As experiências espaciais são sustentadas por práticas de cuidado em múltiplas escalas, redes e corpos de atuação. O cuidado tem sido pautado como uma dinâmica fundamental para a compreensão dos desafios e complexidades dos contextos espaciais, em especial, quando analisamos dinâmicas de desigualdades socioespaciais.

No contexto da Geografia brasileira, a discussão sobre as Geografias do Cuidado ainda é incipiente, visto a pouca produção sobre o tema. Em geral, algumas abordagens oferecem uma reflexão pelo viés da Geografia da Saúde, reduzindo a experiência do cuidado ao contexto médico. Do ponto de vista das Ciências Sociais, a experiência de cuidado tem sido abordada de forma mais aprofundada, quando insere o tema no âmbito social, ao problematizar as questões de gênero, o cuidado doméstico e os corpos, além de pautar as políticas e economias do cuidado (Fraser, 2016; Federici, 2019).

Boff (2005) entende o cuidado enquanto sintonia com as coisas, convivência amorosa, atividade criativa, emoção e sentimento. Enquanto uma fenomenologia do cuidado, tal prática se realiza e se desvela em nós mesmos, porque praticamos o cuidado e também somos cuidados, evidenciando então uma experiência ontológica que constitui o que é o próprio ser humano e suas práticas. Nesse sentido, constitui um modo-de-ser e, portanto, um envolvimento emocional com a prática do cuidado em que “Cuidar das coisas implica ter intimidade com elas, senti-las dentro, acolhê-las, respeitá-las, dar-lhe sossego e repouso. Cuidar é entrar em sintonia com as coisas. Auscultar-lhe o ritmo e afinar-se com ele. Cuidar é estabelecer comunhão.” (Boff, 2005, p. 31).

Por esse caminho, podemos pensar o cuidado como parte da construção do comum (Guarita e Guzzo, 2024). Para as autoras, o cuidado pavimenta às práticas do Comum, materializando e corporificando tais práticas, sendo algo vivo, em movimento e que preenche o “entres” (das relações): “cuidado corporificado como uma prática coletiva de escuta, troca, redes, gesto menor e presença” (Guarita e Guzzo, 2024, p. 1). Assim, o cuidado e o cuidar são elementos vitais para a sustentação da vida coletiva, como um processo contínuo de socialização e prática pessoal coletivamente construída.

O comum é entendido pelas autoras como o que existe “entre” os membros de uma comunidade, os recursos utilizados por ela e os protocolos de governança desses recursos, surgindo também como uma alternativa possível para novos caminhos. Assim, como produto social e político de governança, o comum é indissociável da prática do cuidado, que permeia

as relações que sustentam o interesse pelo comum, sendo também a busca por formas de vida mais justas, partilhadas e colaborativas.

A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) entende que o cuidado “Abrange atividades que visam o bem-estar diário das pessoas em diferentes níveis: material, econômico, moral e emocional. Assim, inclui o fornecimento de bens essenciais à vida, como alimentação, abrigo, limpeza, assistência médica e apoio, bem como a transmissão de conhecimentos, valores e práticas sociais por meio de processos relacionados à infância.” (s/a, s/p, tradução nossa). Assim, todos os seres humanos são sujeitos de/do cuidado, cuja prática se desenvolve em diferentes vínculos (parentesco, amizade, comunitários ou de trabalho). No entanto, no contexto da América Latina, o cuidado, que se desenrola em experiências de alta desigualdade, pode reproduzir e ampliar as desigualdades socioeconômicas e de gênero, quando expressa-se especialmente a partir do trabalho das mulheres.

As formas como o cuidado é entendido na sociedade também podem determinar as políticas públicas voltadas para a temática. No Brasil, muito recentemente foi sancionada a Política Nacional de Cuidados (Lei nº 15.069/2024) que busca promover a valorização dos saberes, culturas e práticas sociais do cuidado. A política busca incentivar a organização de dados para o DataCuidados e para o Observatório Participativo dos Cuidados — plataformas interministeriais coordenadas pelo Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), pelo Ministério das Mulheres (MMulheres) e pela Escola Nacional de Administração Pública (ENAP).

Dentro dessa política, o cuidado é entendido como a “produção de bens e serviços necessários para a reprodução das sociedades, para o sustento da vida e a garantia do bem-estar das pessoas” (Araújo, 2024, p. 91), portanto, é entendido como um direito universal. A perspectiva da política é a reorganização e o compartilhamento da responsabilização social pelos cuidados, colocando o Estado como corresponsável e indutor da construção de novas organizações sociais de cuidado, envolvendo diferentes agentes.

No contexto de formação social do Brasil, com estruturas bem demarcadas de raça e gênero, sabemos que há grupos sociais que historicamente estão colocados em lugares de não-direito e não-cuidado, como as mulheres negras, que acabam sendo importantes protagonistas na mobilização de práticas de cuidado em seus microcosmos de atuação, embora comumente invisibilizadas pelas políticas públicas, em especial, com apoio com recursos e investimentos para a manutenção de suas práticas, a despeito de tal responsabilidade ser centralmente do Estado.

Nesse contexto, Araújo (2024) apresenta alguns agentes que sustentem as práticas de cuidados em seus territórios de vulnerabilidade socioespacial: as infâncias comumente são mobilizadas para a prática de cuidado, numa lógica em que deveria colocá-las como centrais sobre o “ser cuidado”; as estratégias de cuidado das classes populares costumeiramente invalidadas pelo Estado; as pessoas faveladas, em histórica condição de subalternidade, colocam um cuidado como central para a superação das múltiplas violências cotidianas que estão sujeitadas; as mulheres negras, mobilizam o cuidado de diferentes formas: desde em suas próprias casas, quando buscam alternativas de cuidado para que seus filhos não tornem-se “marginais” perante os olhos da sociedade, quando cuidam dos filhos dos outros e, na marginalização de se não serem cuidadas, apelam para os dispositivos de fé e ancestralidade que sustentam o cuidado para além da existência física e “constroem um ecossistema de cuidados adquirido através dos saberes de sobrevivência e reexistência, contextualizados em uma estrutura social racista” (Araújo, 2024, p. 92).

Nesse sentido, tem sido urgente e necessário a produção e a organização de conhecimentos, pesquisas, práticas e experimentações para ampliar os caminhos de formação do cuidado, de modo que se desconstrua essa espécie de cisão entre o saber, o fazer e o sentir, questionando também uma lógica neoliberal de descuido e dos biopoderes hegemônicos, entendendo o cuidado também como um ato político (Guarita e Guzzo, 2024).

Parte-se da compreensão do cuidado como elemento central na organização das sociedades e na produção de territórios solidários, sobretudo em contextos de desigualdades socioespaciais. A noção de Geografia do Cuidado é mobilizada para analisar como práticas sociais e afetivas constroem paisagens de cuidado e infraestruturas vivas, com destaque para o protagonismo de grupos minorizados na produção de vínculos, pertencimento e resistência.

Numa conjuntura em que se fala sobre uma “crise do cuidado” (Fraser, 2016), as infraestruturas sociais emergem como parte central do debate contemporâneo, ao promover redes sociais que fortalecem o tecido comunitário, em especial, no contexto do Sul Global. Ao reconhecer o valor desses espaços para a interação social e o cuidado mútuo, surge a noção de uma “geografia do cuidado”, que considera as pessoas como infraestrutura fundamental na organização espacial.

Thompson e England (2025) consideram que as geografias do cuidado podem ser discutidas a partir da ideia do cuidado em contextos de trabalho, lar e corpo e que fornece sustento individual e coletivo. Sugerem ainda que as futuras geografias do cuidado se envolvam com geografias decoloniais e antirracistas, portanto, revelando-se como uma emergência conceitual contemporânea.

O cuidado, visto de uma perspectiva geográfica, é uma relação entre pessoas e lugares, moldada não apenas pelo espaço físico, mas também pelo espaço social e emocional, criando "paisagens de cuidado" (Milligan, Wiles, 2010). Essas paisagens são dinâmicas socioespaciais onde ocorrem as práticas de cuidado, tanto dentro como ao redor dos lugares, envolvendo objetos, corpos e edifícios que sustentam essas interações, muitas vezes negligenciadas pelas políticas urbanas (Soto-Villagrán, 2022).

As experiências e práticas de cuidado são moldadas por interações entre processos socioeconômicos, estruturais e temporais em diferentes locais e escalas espaciais, resultando em uma co-produção que envolve redes, fluxos, conexões e agentes. Essas interações produzem responsabilidades e compromissos práticos e emocionais, refletindo uma riqueza e complexidade na organização espacial do cuidado. No entanto, essas paisagens de cuidado também revelam desigualdades geográficas e injustiças em níveis urbanos e nacionais (Milligan, Wiles, 2010).

Nesses contextos, o termo infraestrutura social tem ganhado destaque na literatura acadêmica, em relatórios de políticas e em fóruns públicos, sendo entendido como espaços sociais e de sociabilidade, cuja prática de cuidado é presente (Hall, 2020). Esses espaços são essenciais para a reprodução social e suas mudanças impactam diversos aspectos da vida urbana, servindo como locais para combater a exclusão inerente às dinâmicas de acumulação de capital (McFadden, 2023). Essas dinâmicas permitem que grupos se reúnam, apoiem suas comunidades, interajam, experimentem e compartilhem atividades diversas, tornando a vida nas cidades mais habitável e significativa (Latham; Layton, 2022).

Power e Williams (2020) destacam a importância de reconhecer os sujeitos do cuidado como participantes ativos nas relações de cuidado, assim como de compreender as múltiplas formas pelas quais essa prática se manifesta. O cuidado, em sua essência, é entendido como uma prática de solidariedade comunitária, cuja responsabilidade deve ser compartilhada publicamente, assumindo, portanto, um papel central nas políticas públicas e na governança urbana. Os autores defendem que as pesquisas devem evidenciar essas dinâmicas, valorizando uma atenção contínua aos microespaços de cuidado e às diversas maneiras pelas quais o cuidado urbano é praticado, tanto em contextos humanos quanto não humanos. Assim, compreender como o cuidado é exercido pode apontar caminhos para a construção de cidades mais justas e solidárias.

Essas práticas integram a capacidade de ação dos grupos sociais, que também constroem territórios afetivos (Hutta, 2020). Segundo o autor, essa capacidade de agir no espaço é moldada por diversos vetores afetivos, que emergem nos ambientes habitados. Os

sujeitos, ao ocuparem esses espaços, inserem-se em dinâmicas afetivas que contribuem para a construção de "espaços afetivos", os quais influenciam nossas formas de perceber, pensar e agir. Dessa forma, esses espaços podem ser compreendidos como parte das geografias do cuidado, pois abrigam relações e práticas que envolvem vínculos afetivos e atenção ao outro.

De acordo com Simone (2004), essas infraestruturas sociais ancoram a subsistência de grupos marginalizados, que dependem de habilidades adaptativas para atender às necessidades especializadas do cotidiano improvisado. A cooperação, muitas vezes manifestada como atos de cuidado, é fundamental nesse contexto, refletindo uma ética do cuidado que reconhece a importância das relações interpessoais e das práticas situadas para moldar compromissos éticos e responder às necessidades dos outros (Middleton, Samanani, 2020).

Em Cuiabá - MT, identificam-se experiências de cuidado promovidas por grupos mobilizados em torno de temas interseccionais. A Casa das Pretas, sediada na Praça da Mandioca, articula ações culturais com foco em raça e gênero. De forma semelhante, agentes do Museu de Imagem e do Som organizam a Rota da Ancestralidade, voltada às dinâmicas de grupos afro-diaspóricos. O Coletivo Negro Independente Daruê Malungo atua em bairros periféricos com foco na população LGBTQIAPN+, promovendo cine-debates, oficinas e horta comunitária. No campo das questões de gênero, destaca-se o coletivo Lendo Mulheres Cuiabá, com grupos de leitura voltados à produção feminina, e a Casa Brown, que oferece apoio a pessoas discriminadas por sua sexualidade. As Batalhas de Rap, realizadas em espaços públicos da cidade, também mobilizam temas como raça, gênero, classe e desigualdades. Nesse sentido, podemos entender que as mobilizações desses coletivos são, em si, atos de cuidado, tanto um em relação ao outro, mas também em relação à história, memória e experiência do grupo, que manifestam-se espacialmente a partir dos encontros.

Conradson (2003) ao examinar um centro comunitário como um espaço de cuidado na cidade, destaca as formas de subjetividade observadas nesse contexto, como a atenção à situação do outro e a disposição para ouvir. Essas interações cotidianas têm o potencial de promover o bem-estar e contribuem para o senso de identidade coletiva e capacidade de agir.

Nesse sentido, Hutta e Schuster (2022) propõem uma reflexão sobre as infraestruturas de intimidade e os lugares de apego, compreendidos como pessoas, coletividades, espaços, espécies, objetos ou ecologias com os quais estabelecemos vínculos afetivos. Os autores nos convidam a direcionar o olhar para as práticas íntimas e suas relações espaciais, assim como para as condições materiais que as sustentam, propondo recentrar aspectos frequentemente negligenciados em debates anteriores.

Essa abordagem valoriza essas infraestruturas vivas como elementos fundamentais da subjetividade relacional e da vida coletiva, conectadas às práticas cotidianas — como a vida em comunidade, os processos educativos, o trabalho, a política — e mediadas por discursos, representações, corpos e afetos. Assim, também é preciso considerar o aspecto ético e político do cuidado, dada sua manifestação espacial em diferentes escalas interconectadas, e como ele permeia os espaços sociais específicos (Milligan, Wiles, 2010).

Uma atenção ao cuidado na organização das dinâmicas socioespaciais e na formação das paisagens de cuidado pode enriquecer o diálogo da Geografia sobre os aspectos culturais das dinâmicas urbanas, incorporando as subjetividades presentes nas práticas espaciais. Essa abordagem pode oferecer caminhos alternativos e inovadores para repensar as políticas urbanas, promovendo uma maior inclusão e bem-estar nas cidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões em torno do cuidado, a partir de uma perspectiva geográfica, evidenciam sua centralidade na construção das relações sociais, afetivas e espaciais que moldam o cotidiano urbano. Ao reconhecer as pessoas como parte das infraestruturas sociais, afetivas e de intimidade, amplia-se o entendimento sobre como o cuidado é praticado, distribuído e reivindicado nos territórios. As paisagens de cuidado revelam não apenas formas de solidariedade e resistência, mas também desigualdades e exclusões que precisam ser enfrentadas com políticas públicas mais sensíveis às práticas situadas, aos vínculos afetivos e às múltiplas formas de vida urbana.

Diante disso, pensar o cuidado como prática política e ética, mediada por relações de gênero, raça, classe e sexualidade, exige considerar as formas diversas de sociabilidade e organização comunitária que emergem nos espaços urbanos, como visto nas experiências em Cuiabá. Essas práticas constituem territórios afetivos e de ação coletiva que desafiam os modelos tradicionais de planejamento urbano e propõem alternativas mais inclusivas e justas. Assim, incorporar as geografias do cuidado ao debate acadêmico e às políticas urbanas permite vislumbrar cidades mais habitáveis, sustentadas por redes de apoio, reconhecimento e compromisso com o bem-estar coletivo.]

Em síntese, compreender o cuidado sob essa ótica permite reconhecer seu potencial transformador na produção do espaço urbano e na construção de uma vida comum baseada em solidariedade e interdependência. Concordando com Guarita e Guzzo (2024), o cuidado pode ser entendido como forma de enfrentamento à lógica neoliberal, ao promover um reencantamento e uma mudança de paradigma que o coloca como bem comum, compartilhado

e sustentado pelas comunidades e coletivos. O cuidado — de si, do outro e de nós — constitui, portanto, a base das infraestruturas comunitárias e dos protocolos que organizam a vida coletiva. Se não há Comum sem comunidade e protocolos, também não há comunidade saudável e protocolos eficazes sem cuidado. Incorporar essa compreensão às práticas e políticas urbanas é, portanto, um caminho ético e político para imaginar e construir cidades mais justas, afetivas e habitáveis.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Danielle Ferreira Medeiros da Silva de. Trabalho de cuidado: uma análise sobre a construção de uma política nacional de cuidados. **Rev. do Trib. Reg. Trab. 10a Região**, Brasília, v. 28, n. 1, 2024, p. 90-100.

ARAÚJO, Danielle Ferreira Medeiros da Silva de. Mapa de Cuidados: interligando saberes para a transmissão criativa da realidade. **Preprint**, 2024. Disponível em <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.10205>. Acesso 17 out 2025.

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Revista Inclusão Social**, v.1, n.1, 2005, p. 28-35.

CEPAL. Sobre el cuidado y las políticas de cuidado. Disponível em <https://www.cepal.org/es/cuidado-politicas-cuidado>. Acesso 17 out 2025.

CONRADSON, David. Geographies of care: Geographies of care: spaces, practices, experiences. *Social & Cultural Geography*, Vol. 4, No. 4, p. 451-454, 2003.

FEDERICI, Silvia. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. TradColetivo Sycorax – São Paulo: Elefante, 2019.

FRASER, Nancy. Contradictions of capital and care. *New Left Review*, v. 100, 2016, p. 99-117.

GUARITA, Marília Reis; GUZZO, Marina Souza Lobo. Práticas de cuidado para a construção do Comum. *Saúde Soc. São Paulo*, v.33, n.2, 2024, p. 1-15.

HALL, Sarah Marie. Social reproduction as social infrastructure. *Soundings*, N.76, p. 82-94, 2020.

HUTTA, Jan Simon. Territórios afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente*, n. 42, v. 2, p. 63-89, 2020.

HUTTA, Jan Simon; SCHUSTER, Nina. Infrastrukturen städtischer Intimität Einladung zu einem Gedankenspiel. *Sub\urban*, V. 10, N. 2-3, p. 97-113, 2022.

LATHAM, Alan; LAYTON, Jack. Social infrastructure: why it matters and how urban geographers might study it. *Urban Geography*, V. 43. N5, p. 659-668, 2022.

MCFADDEN, Keavy. Infrastructures of social reproduction: Schools, everyday urban life, and the built environment of education. *Dialogues in Human Geography*, 2023.

MIDDLETON, Jennie; SAMANANI, Farhan. Accounting for care within human geography. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 46, n. 1, p. 29-43, 2020.

MILLIGAN, Christine; WILES, Janine. Landscapes of care. *Progress in Human Geography*, V. 34, N.6, p. 736-754, 2010.

POWER, E. R.; WILLIAMS, M. J. Cities of care: A platform for urban geographical care research. *Geography Compass*, v. 14, n. 1, 2020.

SIMONE, Abdou Maliq. People as infrastructure: intersecting fragments in Johannesburg. *Public Culture*, V. 16, N.3, p. 407-429, 2004.

SOTO-VILLAGRÁN, Paula. Paisajes del cuidado en la Ciudad de México. Experiencias, movilidad e infraestructuras. *Íconos, Revista de Ciencias Sociales*, N.73, p. 57-75, 2022.

THOMPSON, S., & ENGLAND, K. Care Geographies. In: Ashutosh, Ishan; Winders, Jamie (Orgs). *The Wiley Blackwell Companion to Cultural and Social Geography*, John Wiley & Sons Ltd, The Atrium, Southern Gate, Chichester, West Sussex, 2025, p. 505-516.